



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

GEFFERSON LAMMY DA SILVA FELIX

O "SERVO EM CRISTO" EM CAPITÃES DA AREIA, DE JORGE AMADO

GUARABIRA - PB

2019

GEFFERSON LAMMY DA SILVA FELIX

O “SERVO EM CRISTO” EM CAPITÃES DA AREIA, DE JORGE AMADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F316s Felix, Gefferson Lammy da Silva.

O "Servo em Cristo" em Capitães da Areia, de Jorge Amado [manuscrito] / Gefferson Lammy da Silva Felix. - 2019.

22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.

"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo Silva , Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Literatura brasileira. 2. Jorge Amado. 3. Capitães da Areia. 4. Padre José Pedro. I. Título

21. ed. CDD B869.3

GEFFERSON LAMMY DA SILVA FELIX

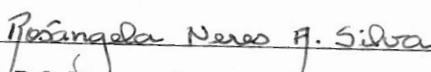
O "SERVO EM CRISTO" EM CAPITÃES DA AREIA, DE JORGE AMADO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciado em
Letras.

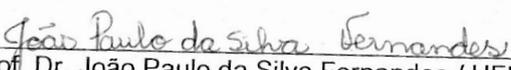
Área de concentração: Literatura
Brasileira.

Aprovada em: 11/06/2019.

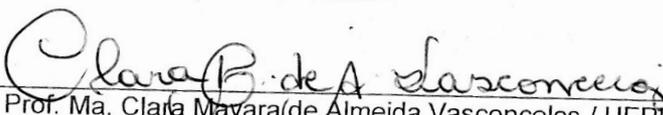
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a / Dr.^a. Rosângela Neres Araújo da Silva / UEPB
Orientadora



Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes / UFPB
Examinador



Prof. M^a. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos / UEPB
Examinadora

À minha família, que apesar das diferenças, buscamos sempre estar na comunhão de um lar, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria, que com sua simplicidade de ser, me ensina todos os dias a evoluir como ser humano;

Ao meu pai Zenaldo, que sempre me ensinou a lutar pelos meus objetivos de forma honesta;

À toda minha família, que de uma forma muito mútua e natural nos permitimos compartilhar nossas dores e alegrias do dia a dia;

Aos professores que passaram pela minha formação acadêmica e que de alguma forma deixaram suas marcas, não só como profissionais, mas também como amigos;

De uma forma especial, agradeço aos professores que abraçaram a causa deste trabalho, e que contribuíram com sua bagagem de conhecimento para os devidos aportes teóricos e organização do mesmo;

À todos os companheiros da turma 2015.1, certamente a amizade de todos me ajudou chegar até aqui.

Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, [...] e não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria [...]

Paulo de Tarso
1 Coríntios 13: 1-3

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 REBELDIA, CONTRAVENÇÃO E O OFÍCIO DE UM PADRE	10
3 DESOBEDIÊNCIA À ORDEM: UMA LEITURA DO PERSONAGEM JOSÉ PEDRO	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	22

O “SERVO EM CRISTO” EM CAPITÃES DA AREIA, DE JORGE AMADO

Gefferson Lammy da Silva Felix

O presente artigo analisa características que se distanciam do protagonista do romance *Capitães da Areia* (1937 [2008]), evidenciadas em episódios que envolvem o personagem *padre José Pedro*. Ele é um dos poucos personagens que conhece de perto o cotidiano dos meninos do trapiche e está sempre em busca de melhoria para a vida deles. Nesta análise, buscamos nos aprofundar na relação que o padre mantém com a Igreja Católica e o Estado, e também discutimos sobre a visão que a sociedade tem da relação do padre com os capitães da areia. Estas questões serão abordadas, metodologicamente, em uma leitura crítico-analítica e tem como base os posicionamentos de autores como Bosi (1988), Candido (2011), Castro (1985), dentre outros. Desta forma, buscamos complementar as pesquisas sobre a obra em questão, levando em consideração o ponto de vista a partir da trajetória do padre José Pedro na obra de ficção.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Jorge Amado; Capitães da Areia; Padre José Pedro.

1 INTRODUÇÃO

O romance *Capitães da Areia* (1937 [2008]), de Jorge Amado, nos conta a história de meninos pobres, muitos deles órfãos de pai e mãe, que têm como abrigo um trapiche abandonado e sobrevivem por meio de furtos e golpes em território baiano. A narrativa, de teor bastante verossímil, apresenta questões diretamente ligadas a indivíduos expostos as mais variadas condições de hostilidade social, mas que ainda assim não deixam de buscar seus sonhos por uma vida melhor.

Vale ressaltar o grande impacto que a obra teve e tem desde seu lançamento. A comissão de buscas e apreensões de livros, por determinação do então *Estado Novo*, incinerou 808 (oitocentos e oito) exemplares dos “Capitães da Areia” por serem julgados como “simpatizantes do credo comunista”. Isto, de certa forma, apresenta o incômodo de um Estado que tem a pretensão de ocultar os seus problemas sociais, tratando a exposição destes como contravenção à “ordem estabelecida”.

O referido romance nos permite conhecer um recorte da sociedade baiana, vista de um ângulo que tem como prioridade retratar o ponto de vista de quem está à margem de uma sociedade que é separada por classes. Dentre os personagens, voltamos nosso olhar para o padre José Pedro, explorando sua trajetória e suas atitudes enquanto personagem, de que maneira ele representa um elemento de desconstrução política dentro da Igreja católica, analisamos também os impasses que ele enfrenta ao tentar lutar por dignidade humana para os meninos do trapiche.

A escolha do tema surgiu da leitura espontânea da obra, levando em consideração também este olhar especial para o personagem em questão que nos aguçou o desejo de refletirmos sobre a religião católica e sua relação/interação com a sociedade, visto que José Pedro é um padre e é um personagem que constantemente transita nesta via de mão dupla.

Desta forma, a pertinência deste trabalho está na exposição de uma Igreja católica que é transpassada pelos embates sociais e que também dentro dela existem desacordos de pensamentos. Além disto, tratamos os conflitos e perspectivas do padre José Pedro, uma figura que se lança em busca dos direitos humanos básicos para as crianças de rua.

Tocante à metodologia, propomos um trabalho de teor crítico-analítico, tendo em vista os aspectos da obra que envolvem a figura do padre José Pedro como personagem fictício. É a partir de suas nuances que iremos, no primeiro momento, discutir sobre as características da Igreja católica como um instrumento político e logo após faremos uma leitura intrínseca do personagem analisado, expondo as perspectivas deste padre que apesar dos problemas que enfrenta em sua trajetória, busca ser coerente com os preceitos cristãos.

Para tanto, o presente trabalho busca colaborar com os estudos acerca da obra, olhando para este personagem que apesar de ser secundário, permite uma relevante visão de uma Igreja enquanto instituição religiosa e ao mesmo tempo política, estabelecida pelas reflexões teórico-críticas de autores como Bosi (1988), Candido (2011) e Castro (1985), entre outros. Por fim, recapitulamos as principais ideias abordadas no texto nas considerações finais.

2 REBELDIA, CONTRAVENÇÃO E O OFÍCIO DE UM PADRE

Capitães da areia, de Jorge Amado, narra alguns entraves sociais vividos e representados por jovens que ocupam as ruas da Bahia e tem como meio de sobrevivência práticas criminosas, usando como exemplo os furtos às nobres residências de Salvador e as mais variadas formas de trapacear em jogos de azar.

O protagonismo da narrativa é do personagem Pedro Bala, chefe dos Capitães da Areia, não se esquecendo dos papéis importantes que a maioria dos personagens assume quando postos em situações de conflito sócio-político-religioso e cultural. Dentre outras possibilidades, a obra promove olhares interpretativos acerca dos ecos e das vozes pouco ouvidas, expondo a vivência de um povo marginalizado, sua maneira de enxergar o mundo e suas crenças religiosas.

Diante disto, voltamos nossos olhares para o personagem padre José Pedro que, por sua vez, é um dos companheiros dos meninos do trapiche e por este motivo encontra-se quase sempre em conflito com sua hierarquia religiosa, com os fiéis da Igreja católica e até consigo mesmo pelo tanto de questionamentos postos em sua vida, tendo em vista sua forma de se aproximar e ajudar os jovens, vistos pela maioria da sociedade apenas como delinquentes.

Para observar a figura do padre José Pedro e suas nuances na obra *Capitães da Areia* nos atentamos, especialmente, para as vertentes do cristianismo no Brasil, desde seu processo de colonização, pautada na catequese e doutrinação dos jesuítas.

Ao considerarmos a visão que o narrador tem do padre, notamos que ele é construído para ser um agente de contravenção, não à Igreja e seus dogmas, mas à alguns posicionamentos que remetem aos modos europeus, podendo citar como exemplo as intenções dos jesuítas nas suas práticas de catequizar, quando chegaram ao Brasil. Intencionalmente ou não, a missão deles não seria apenas a de catequisar os índios, mas também moldá-los ao padrão cultural europeu, como aponta Torres a seguir:

Certamente os jesuítas realizaram coisas notáveis, traduziam livros para o Tupi, adaptaram toda sorte de práticas, escreveram peças teatrais, etc. De qualquer modo não conseguiram superar as barreiras culturais que separavam os indígenas brasileiros do mundo de ideias do século clássico. Para os missionários do grande século, a conversão significava a adoção

de modos de pensar e agir dentro dos moldes estritamente europeus. (TORRES, 1968, p. 24).

Desse modo, a conversão dos gentios¹ não seria para Deus como assim sempre foi dito, mas uma tentativa de apagar toda forma de pensar e agir não-europeia. Explica-se, assim, a pouca aproximação dos colonizadores com os nativos brasileiros senão pela força bruta e aniquilação massiva das mais variadas tribos indígenas, levando consigo, muitas vezes, ou quase sempre, sua cultura e tudo que dizem respeito aos respectivos modos de pensar e agir.

Em *Capitães da Areia*, padre José Pedro carrega consigo os ideais de uma Igreja destituída de intenções meramente políticas e parte em busca de construir um ponto de vista que se volte às prioridades para minimizar o sofrimento humano em sua essência, sobretudo, a desigualdade social que causa tantos outros problemas na sociedade, deixando de lado as intermináveis tentativas de se sobressair a cultura do menos favorecido.

A figura do padre José Pedro representa o elo e acesso para nos aprofundarmos na ideia de uma Igreja que não é monolítica, mas que é transpassada o tempo todo pelas mais variadas lutas de classes e que isso desencadeia uma divisão de classes também dentro da Igreja, causando assim embates de ideologias, como Frei Betto (1985) aponta no prefácio escrito para o livro *A Igreja e o Autoritarismo* de Marcos de Castro

A religião traduz, na América Latina, a mundividência mais elementar do povo. Ela desempenha fator preponderante em todos os principais acontecimentos políticos da história do Brasil, tanto numa perspectiva libertária (Conspiração Mineira – inadequadamente qualificada de “inconfidência” –, Confederação do Equador, Canudos, Contestado, etc.), quanto numa de “ópio do povo”, favorecendo as forças de dominação, como nos preparativos do golpe militar de 1964, através da Marcha da Família com Deus pela Liberdade. (CASTRO, 1985. p. 9).

Entendemos “mundividência” como a forma que a sociedade olha para o mundo, seus comportamentos, sua maneira de julgar o que é certo ou errado, e, neste momento, delimitaremos nosso foco no “mundo latino americano”. Desta forma, a igreja passa a funcionar basicamente como uma grande bolha que influi

1 Aquele que não professa a fé cristã; que não é cristão; pagão, idólatra.
Fonte: <https://www.dicio.com.br/gentio> Acesso: 26/05/2019

diretamente nas diretrizes sociais, e, portanto, fazendo uma parcela da população mundial ter boa parte de seu conhecimento empírico fundamentados nos preceitos das instituições católicas.

Em virtude disso, em sua trajetória o personagem analisado faz o caminho contrário das práticas dos jesuítas. Ao invés de tentar tornar a cultura de um povo inadequada à vista dos padrões europeus, opta por adaptar os ideais cristãos às variadas formas de vida representadas na obra.

Desde o início do enredo, o padre já se mostra ser um personagem contrário às perspectivas de uma Igreja que funcionaria como “ópio do povo”, ou seja, o lado que compactua com as práticas das forças de dominação, incluindo muitas vezes práticas de *arbítrio autoritário*², como veremos a seguir na descrição dos acontecimentos no reformatório, denunciados pelo padre através de uma carta mandada ao *Jornal da Tarde*.

Tenho lido, no vosso conceituado jornal, a carta de Maria Ricardina que apelava para mim como pessoa que podia esclarecer o que é a vida das crianças recolhidas ao reformatório de menores, sou obrigado a sair da obscuridade em que vivo para vir vos dizer que infelizmente Maria Ricardina tem razão. As crianças no aludido reformatório são tratadas como feras, essa é a verdade. Esqueceram a lição do suave mestre, sr. redator, e em vez de conquistarem as crianças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos. Eu tenho ido lá ver às crianças o consolo da religião e as encontro pouco dispostas a aceitá-lo devido naturalmente ao ódio que estão acumulando naqueles jovens corações tão dignos de piedade. O que tenho visto, sr. redator, daria um volume. (AMADO, 2008. p. 20).

Esta carta é motivada, principalmente, pelo pedido da referida Maria Ricardina, costureira e mãe de um garoto que já passou pelo reformatório e ainda afirma que prefere ver seu filho junto com os *Capitães da areia* que no tal reformatório. Desse modo, o padre toma sua posição ao lado de quem sofre e também, na sequência das cartas enviadas ao *Jornal da Tarde*, ele se põe como a primeira testemunha da violência que acontece neste lugar.

2 Termo utilizado pelo autor Marcos de Castro *apud* Alceu Amoroso Lima (1985) fazendo referência aos acontecimentos da ditadura militar chamando-a libertinagem política. O arbítrio autoritário trata-se de uma espécie de abuso de poder, uma das práticas características da própria ditadura. Desta forma, procuramos assemelhar estas práticas da ditadura com as que acontecem no reformatório pelas mãos do diretor.

O referido posicionamento do padre acerca das atrocidades que acontecem no reformatório é publicado na terceira página do já citado jornal, sob o título “Será verdade?”. Refletir sobre esse título que questiona as palavras de um padre, é refletir sobre uma sociedade majoritariamente cristã/católica que tem o padre como uma figura quase que incontestável, mas só quando convém, pois, é certo que, no momento que ele toma uma posição contrária à forças maiores é melhor questionar para que a normalidade das aparências continuem.

Mesmo com este tendencioso título que tenta tirar a credibilidade de suas palavras, o padre consegue incomodar o diretor. É importante ressaltar que o padre era capelão deste reformatório e certamente tinha acesso a lugares e situações que visitantes não tinham, sugere-se que este tenha sido mais um motivo para atingir diretamente o diretor, que por sua vez, fez a seguinte réplica:

Este sacerdote, esquecendo as funções do seu cargo, veio lançar contra o estabelecimento que dirijo graves acusações. Esse padre (que chamarei de padre do demônio, se me permitis uma pequena ironia, sr. diretor) abusou das suas funções para penetrar no nosso estabelecimento de educação em horas proibidas pelo regulamento e contra ele eu tenho de formular uma séria queixa: ele tem incentivado os menores que o estado colocou a meu cargo à revolta, à desobediência. Desde que ele penetrou os umbrais desta casa que os casos de rebeldia e contravenções aos regulamentos aumentaram. O tal padre é apenas um instigador do mau caráter geral dos menores sob a minha guarda. [...] (AMADO, 2008. p. 21-22).

Este trecho nos sugere, de certo modo, ter consciência de uma pequena parcela do papel que o padre José Pedro possui na vida das crianças abandonadas. Ele é a figura que carrega consigo o dever de quem quer fazer justiça e nos faz refletir no verdadeiro ofício de um padre, ele não se cala e nem lava as mãos diante das injustiças feitas com as crianças no reformatório, seguindo o caminho contrário do convencional, ele não só denuncia como também mobiliza todos os que sofrem lá dentro a se rebelar.

Apesar deste esforço do padre, a obra nos mostra que essas estruturas são difíceis de serem quebradas, pois os regulamentos do reformatório não permitem a entrada de visitas em qualquer horário, o padre é uma testemunha em exceção. Desse modo, o *Jornal da Tarde* vai ao reformatório em um dos dias permitidos pelo regulamento e acaba encontrando tudo da forma mais disfarçada possível, para não

causar nenhuma desconfiança tanto por parte da mídia quanto por parte do povo, principalmente o povo que consumia o jornal local.

3 DESOBEDIÊNCIA À ORDEM: UMA LEITURA DO PERSONAGEM JOSÉ PEDRO

Se olharmos para o contexto da obra, podemos afirmar que o padre está em um lugar não muito favorável no que se diz respeito a ter voz e credibilidade, sofrera muito no seminário, pois nem sempre conseguia acompanhar a formação do seu então futuro ofício.

Por este motivo, era sempre visto tanto por parte do clero como dos fieis, como um sacerdote desprovido de inteligência, mesmo assim, com todos os julgamentos sobre tudo o que fazia e pensava, o padre continuava tendo sua apreciável afeição pelas crianças do trapiche. No trecho a seguir, podemos de uma forma breve identificar estes aspectos:

Não tinha mesmo influência nenhuma, nem tampouco sabia como agir para ganhar a confiança daqueles pequenos ladrões. Mas sabia que a vida deles era falta de todo o conforto, de todo carinho, era uma vida de fome e de abandono. (AMADO, 2008 p. 74).

Sua afeição era tanta, que mesmo depois dos seus problemas com o diretor do reformatório nunca deixou de procurar os meninos de rua. Era seu maior desejo: “levar aqueles corações todos a Deus” (AMADO, 2008. p. 74) e fazer que a vida dos meninos mudasse e que ao menos procurassem seu sustento na força do trabalho, considerando também sua consciência de que dificilmente poderia catequizar aquelas crianças, mas se ao menos conseguisse tirá-los da vida criminosa já estaria satisfeito.

Dentre todas as crianças do trapiche abandonado, o mais especial aos olhos do padre era o *Pirulito*, pois é a criança que despertara em si a vocação sacerdotal. É ele, em especial, que o padre prepara, de fato, para uma futura vida religiosa, catequizando, repassando os dogmas básicos da Igreja católica e despertando também em si uma grande devoção pelos santos.

A conversão de *Pirulito* se deu por conta do padre José Pedro e acabou sendo uma de suas conquistas como revela o próprio narrador, *Pirulito* tinha fama de ser maldoso, mas o padre conseguiu mudar os pensamentos e atitudes do menino como é narrado no trecho a seguir:

[...] No dia que o padre José Pedro começou a falar de Deus, do céu, de Cristo, da bondade e da piedade, Pirulito começou a mudar. Deus o chamava e ele sentia sua voz poderosa no trapiche. Via Deus nos seus sonhos e ouvia o chamado de Deus de que falava o Padre José Pedro. E se voltou de todo para Deus, ouvia a voz de Deus, rezava ante os quadros que o padre lhe dera. No primeiro dia começaram a mofar dele no trapiche. Ele espancou um dos menores, os outros se calaram. No outro dia o padre disse que ele fizera mal, que era preciso sofrer por Deus, e Pirulito então dera a sua navalha quase nova ao menino a que espancara. (AMADO, 2008. p. 113-114).

Desse modo, podemos observar que a função do padre vai além de catequizar o indivíduo. Sua atitude de ir ao encontro dos meninos para tentar sanar seus sofrimentos e levar, ao menos com palavras, uma esperança de tempos melhores, reflete diretamente na trajetória de *Pirulito*, que não é apenas catequizado, mas também é humanizado, passando a refletir sobre seus atos.

Apesar disso, vemos que a realidade dos meninos abandonados é muito mais profunda, o que requer de nós uma compreensão muito reflexiva dos discursos postos na obra, levando em conta o ponto de vista do próprio autor e suas influências como um romancista que contava a história do povo marginalizado.

Este romance de Jorge Amado nos faz refletir sobre a função da literatura que é humanizadora, que traz à tona vozes que não são ouvidas, nos ajudando a entender como funcionam os contextos de uma parcela da humanidade que vive em extremas condições de sobrevivência, mas ainda assim continuam tendo a mesma capacidade de sonhar, de ter suas personalidades, como também ter suas próprias concepções de mundo.

É importante ressaltar que esta função da literatura humanizadora, parte da ideia de que toda obra literária, como também a arte em geral, só existe porque a vida acontece e nós, como seres humanos, de certa forma, sentimos a necessidade do auto entendimento, e esta necessidade pode se transformar em capacidade de captar a realidade e converter em arte novamente, testemunhando e registrando a vida como ela é, ampliando nossa própria concepção de mundo. Desta forma, Bosi (1988) afirma que:

Não há grande texto artístico que não tenha sido gerado no interior de uma dialética de lembrança pura e memória social; de fantasia criadora e visão ideológica da História; de percepção singular das coisas e cadências estilísticas herdadas no trato com pessoas e livros. (BOSI, 1988. p. 278).

Concomitantemente, Aristóteles resume tudo isto com a afirmação de que “a arte imita a vida” e o artista faz estes dois elementos trafegarem em via de mão dupla.

Identifica-se na obra em questão um estilo de escrita que põe o povo pobre na devida escala da dignidade e que olha para todos esses com empatia. Bosi (2006, p. 406) define o autor de *Capitães da Areia* como “[...] um romancista voltado para os marginais, os pescadores e os marinheiros de sua terra que lhe interessam enquanto exemplos de atitudes ‘vitais’ [...]”.

Esta afirmação sobre o autor é pertinente quando olhamos para a obra e de fato vemos como é retratado o povo simples da Bahia: os meninos do trapiche, os operários que trabalhavam de sol a sol descarregando os grandes navios cargueiros, até mesmo como é contada a trajetória do padre José Pedro, personagem analisado neste trabalho, que antes de entrar para o seminário ganhava sua vida como operário em uma fábrica de tecidos.

Nesta perspectiva, vale ressaltar que a literatura tem o papel primordial de mostrar como cada vida humana tem sua devida importância, seja ela situada nos bairros nobres, – citando como exemplo o capítulo da obra intitulado *Família* (p. 118) – nas áreas periféricas da cidade e até nas ruas que é o *habitat* natural dos Capitães da Areia.

A realidade, principalmente, dos meninos do trapiche, nos faz perceber o quanto precisamos ter mais empatia pelo próximo, deixando de lado os julgamentos prévios que naturalmente costumamos fazer, entendendo o outro apenas por um lado. Neste caso, a literatura age diretamente em nossa capacidade de reflexão. Como já sugerido anteriormente, ela tem o importante papel de nos humanizar. Para tanto, Candido afirma:

Entendo aqui por *humanização* [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da

beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2011. p. 182).

A partir desta afirmação, conseguimos entender que a literatura em si, sobretudo, a que aborda temáticas sociais, nos faz entrar em um processo de aquisição de sensibilidade cada vez maior tanto para o que nos é externo como para o que nos é interno, dessa forma passamos a entender melhor onde estamos situados e por onde devemos caminhar no que se diz respeito às questões de nossa vida dentro da sociedade.

Ainda segundo Candido (2011), a sociedade parece aos poucos ter progressivamente uma aversão a todo tipo de barbárie e o caminho contrário é a luta pelos direitos humanos. Desse modo, a terrível imagem da fome e da miséria deixa de ser um espetáculo e passa a ser uma preocupação, mesmo que isso tudo esteja apenas no mundo das ideias.

Porém, diante disso temos um problema que provavelmente esteja relacionado aos nossos instintos individualistas e a nossa dificuldade de pensar no próximo, é isto que nos esclarece Candido (idem) com a seguinte afirmação

[...] Porque pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação e autoeducação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo. (CANDIDO, 2011. p. 174).

Este problema é evidenciado em algumas situações da trajetória do padre José Pedro. Enquanto ele é este agente que preza pelos direitos humanos, as pessoas ao seu redor sempre contrariam suas ações para com os meninos abandonados, como podemos observar no seguinte trecho:

[...] E como não encontrava meios, e sim uma barreira na sua frente (todos queriam tratar os Capitães da Areia ou como a criminosos ou como a crianças iguais àquelas que foram criadas com um lar e uma família), ficava como que desesperado, por vezes ficava atarantado. (AMADO, 2008. p. 112).

O pensamento individualista das pessoas que julgavam o padre por várias vezes acaba por deixá-lo confuso, e inúmeras vezes suas boas ações, ou pelo menos bem intencionadas, eram impedidas por estas confusões, principalmente se estes determinados julgamentos viessem por parte de suas lideranças mais próximas, como no caso de sua conversa com o cônego.

Nesta conversa, por mais que o padre tentasse justificar seus atos, a sua tolerância aos furtos dos meninos, por exemplo, o cônego não lhe dá ouvidos o acusando de comunista e adiando também o seu desejo de administrar uma paróquia. Com toda esta situação o padre se deixa dominar por um grande conflito interno, tentando entender o Cristo que se importava com os mais pobres, mas ao mesmo tempo ruminava as palavras do cônego que de certa forma queria passar a imagem de um Deus que tem preceitos contraditórios e que ele não teria inteligência para entender.

Este episódio esclarece a dualidade do indivíduo, representada por um padre inseguro de si mesmo, que se sente incapaz em “ouvir a voz de Deus”, mas ouve àqueles criados à sua imagem e semelhança. O padre, de fato, é um dos personagens que mais luta em busca dos direitos humanos, porém sua ingenuidade intelectual o faz se questionar e supor que seu jeito de lidar com os mais necessitados não agrada a Deus.

A discussão levantada com essas situações que vive o padre José Pedro confirma ainda mais a ideia posta acima por Candido, a tendência comum do ser humano achar que seus direitos são mais urgentes do que o do outro, ou até mesmo que seus problemas precisam ser resolvidos mais rápidos independente do tamanho do problema do outro.

Vale ressaltar que este tipo de tema humanitário, como aponta Candido (idem), só começa a ser discutido a partir do século XIX quando começa a grande concentração urbana e o crescimento (ou a revelação) da miséria na sociedade. Só então a produção literária passa a ter esta preocupação em falar dos marginalizados “como um tema importante, tratado com dignidade, não mais como delinquente, personagem cômico ou pitoresco” (CANDIDO, 2011. p, 185).

Desse modo, podemos observar outro fator importante sobre a representatividade do padre, no tocante à sua credibilidade. Suas atitudes para com os meninos, na maioria das vezes são sempre mal julgadas/entendidas, mostrando que as pessoas, principalmente os fiéis da igreja, não acreditam na defesa das

crianças pelo padre, mas que está se envolvendo com as mesmas, no sentido de que ele supostamente esteja cometendo os mesmos delitos.

Temos um episódio que marca muito bem esta questão. Trata-se de um momento em que o padre está reunido com os meninos do trapiche, na oportunidade de acompanhá-los ao carrossel que está na cidade, então se aproxima uma senhora de nome Margarida Santos, com certo desprezo à ocasião, indagando o padre com as seguintes palavras: “- O senhor não se envergonha de estar nesse meio, padre? Um sacerdote do Senhor? Um homem de responsabilidade no meio desta gentilha...” (AMADO. 2008. p, 81).

O diálogo continua com o padre justificando que são apenas crianças e ainda continua dizendo: “- Cristo disse: ‘deixai vir a mim as criancinhas...’.” (AMADO. Idem). Comprova-se pelo intertexto bíblico que o padre cumpre sua missão enquanto sacerdote, que se distancia das equivalências políticas adotadas pela igreja enquanto instituição. Notamos, neste episódio, quais são as intenções do padre e como ele é visto por algumas pessoas, que neste caso, se coloca com superioridade diante dos meninos e do padre, achando-se no direito de julgá-los.

Padre José Pedro pode até nos causar uma impressão de que é um personagem sensível e confuso diante dos empasses de sua trajetória, mas também nos mostra que é um cristão com grande coerência, no sentido de buscar ter atitudes de acordo com o que os evangelistas afirmam sobre o próprio Cristo.

Apesar de ter esta coerência com os principais valores da concepção cristã e uma grande sensibilidade para perceber que o próximo está precisando de sua ajuda, não tem sua devida credibilidade, pois ele ainda carrega marcas por ter sido um jovem operário antes de entrar para o seminário, não que seja um erro ser um operário, mas contextualizando aos aspectos da época, significaria que ele representava uma classe inferior por receber um salário menor.

Ou seja, a literatura, de fato, promove estes personagens, mas também mostra que do outro lado a sociedade não está preocupada em ver as características que particularizam os sujeitos sociais, e sim buscar constantemente sentir-se superior a quem, de certa forma, ocupa um lugar de destaque social.

Nessa perspectiva, Candido (idem) afirma que “[...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles [...]” (p,188), tendo a função de nos levar

a uma auto crítica de quem somos e onde precisamos melhorar como seres humanos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos observar, *Capitães da Areia* é uma obra que contém muitos temas sociais a serem observados, dentre estes, procuramos manter o foco em uma Igreja como ferramenta política, que tanto serve para libertar o povo de uma condição hostil, como serve para favorecer entidades ligadas à instituição e a disseminar preceitos que vão de encontro à “vontade de Deus”, segundo os escritos sagrados.

Nessa perspectiva, verificamos que a Igreja é atravessada por uma luta de classes que nem sempre converge na aceitação de seus ideais, a exemplo das “contravenções” do padre José Pedro, que de certo modo se distancia dos dogmas institucionais e se aproxima do legado cristão, vivendo à imagem e semelhança de Cristo ao se dedicar aos marginalizados e oprimidos, contrapondo os interesses políticos da igreja católica.

É válido destacar que as posições que o padre toma relacionadas à busca pelos direitos humanos, incomoda alguns sistemas já estabelecidos, mas que precisam ser questionados. O episódio exposto no trabalho do embate do Diretor do reformatório com o padre nos mostra, na obra, como essa relação do Estado com os direitos humanos não é amigável desde longas datas.

Percebemos, ainda, que o padre José Pedro pode ser visto como um personagem inseguro de suas convicções, levando em consideração que, às vezes, ele se coloca de frente com alguns obstáculos e acaba entrando em um conflito interno, fazendo que suas noções do que é certo ou errado sejam questionadas.

Apesar destes conflitos, ele é um dos poucos personagens que se faz presente na vida dos meninos do trapiche do começo ao fim da narrativa, buscando sempre ajudá-los da forma como lhe é possível e corrigi-los quando necessário, ele é a figura (junto de outros personagens como *João de Adão* e *Don’Aninha*), que sonha com todos estes meninos encontrando meios de largar a prática dos furtos e conseguir sair desta condição hostil de fome e miséria.

As nuances do padre corroboram para repensarmos “certezas” pregadas por instituições sociais, a exemplo da Igreja, e seu poder e atuação na vida dos sujeitos, equacionadas pelo que, aparentemente, foram mostradas pelas “inseguranças” de José Pedro, as quais revelam sentimentos que enxergam no outro camadas interiores, perpassando a superfície mostrada na narrativa pela miséria e delinquência dos jovens habitantes do trapiche.

Diante de nossa interpretação da obra *Capitães da Areia*, esperamos expandir nossa experiência a outros leitores, para que acessem e possam olhar, atentamente, um personagem tão sensível e tão preocupado com o próximo, nos faz querer também nos tornar ser humanos com mais empatia para os problemas que acercam nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Posfácio de Milton Hatoum. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.

BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. In.: **Céu, inferno**. São Paulo. Ática, 1988. (274-287)

_____. Jorge Amado. In.: **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo. Cultrix, 2006. (405-407)

CANDIDO, Antônio. Direito à Literatura. In.: **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro. Ouro sobre azul, 2011. (171-193)

CASTRO, Marcos de. **A Igreja e o autoritarismo**. Prefácio de Frei Betto. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1985.

TORRES, João Camilo de Oliveira. **História das Idéias Religiosas no Brasil**. São Paulo. Editorial Grijalbo Ltda. 1968.

<https://www.dicio.com.br/gentio> Acesso: 26/05/2019